

mo observa no prefácio o Sr. Ian de Almeida Prado, para se constituírem ambos num largo trato da história social e econômica de São Paulo. *Vida e morte de um capitão-mor* é também muito da própria história de Lorena e das influências civilisatórias que recebeu das vizinhanças da Côrte, inclusive muito do carnaval carioca em seus albores. As lutas políticas que cêdo custaram a vida a José Vicente de Azevedo; os casamentos em que se entrelaçam famílias ilustres, como os Pereira de Castro, os Vicente de Azevedo ou os Moreira Lima; os usos e costumes; a vida urbana e rural; as práticas do comércio e da lavoura, etc., desfilam em *Vida e morte de um capitão-mor*, como num trecho dêsse vasto mural que é a chamada “civilização do café”. Completam o livro numerosos documentos da época, cuidadosamente selecionados, ao lado de ilustrações, como retratos de família e reproduções de autógrafos e impressos. A “Coleção Histórica”, na verdade marginalizada ante a massa de publicações prôpriamente literárias daquela Comissão (iniciada em 1964 está apenas no vol. 6), mostra-nos com mais êste livro de Carlota Pereira de Queiroz a sua utilidade.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

BALHANA (Altiya Pilatti) e MACHADO (Brasil Pinheiro). — *Campos Gerais: estruturas agrárias*. Publicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1968. 268 páginas.

Aos “campos gerais” do Paraná denominou Saint-Hilaire de “paraíso terrestre do Brasil”. O grande botânico vinha de Goiás, atravessara todo o território paulista e penetrara na chamada “Comarca de Curitiba”, na época (1818) parte integrante da Província de São Paulo. (Só em 1853 o Paraná adquiriria sua autonomia, constituindo-se em província). Depois de percorrer regiões um tanto monótonas, seja quanto às condições fisiográficas, seja quanto às condições humanas, deslumbrou-se o sábio francês com os campos da “Comarca de Curitiba”. Daí ocorreu-lhe a associação edênica, de que tanto se orgulham, e com razão, os paranaenses de hoje. Impressionou ao viajante não apenas as características da natureza, mas igualmente as perspectivas que, a seus olhos, abriam-se para a bela região. Chegou a considerá-la a área ideal para a colonização européia. Saint-Hilaire gostou demais do Paraná. Tudo lhe pareceu, naquela região, melhor do que em outras áreas que percorrera. Talvez, ainda aqui, a força dos contrastes. Só não agradou ao botânico o movimento separatista que encontrou por ocasião de sua visita e que se avolumou com o tempo e do qual teve melhor conhecimento antes de publicar seu precioso relato de viagem, o que só ocorreu em 1851. Parecia a Saint-Hilaire que o desmembramento do Paraná seria o começo de uma série de desmembramentos a que talvez o país não resistisse. Todavia, o futuro não confirmou seu vaticínio, pois durante todo o século XIX apenas duas províncias foram desmembradas. E parece até que o Paraná esperou Saint-Hilaire morrer para separar-se, pois isto só ocorreu três meses após o falecimento do grande naturalista.

Mas o objetivo desta nota não é recordar o simpático viajante francês, que tão bem soube sentir o Brasil, mas noticiar valioso trabalho de pesquisa em torno

de importante experiência agrícola nos “Campos Gerais”, levado a efeito pelo Departamento de História, da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Pesquisa modelar, no mais legítimo padrão universitário, seja pelo tema escolhido, seja pelo método empregado, seja ainda — e especialmente — por revelar um espírito de equipe que movimentou diversos setores daquele instituto universitário. O objeto do estudo foi a Colônia Witmarsum, no município de Palmeira, nas proximidades de Curitiba, onde se localiza, desde 1951, admirável empreendimento de colonos menonitas de origem holandesa e alemã. Respondem pelo importante trabalho de pesquisa a Professora Altiva Pilatti Balhana e o Professor Brasil Pinheiro Machado, que contaram com a colaboração dos Professores Cecília Maria Westphalen, Galbas Milléo, Heloisa Barthelmess, Helbert Minich, João José Bigarella, Luiz Antônio Camargo Fayet, e Oksana Boruszenko, todos integrantes da Universidade Federal do Paraná. Bento Munhoz da Rocha Neto, antigo governador do Estado e que, quando no governo, incentivou inúmeros empreendimentos colonizadores, escreveu o prefácio, no qual salienta a importância não só da pesquisa realizada, mas da própria colonização na região dos “Campos Gerais”.

A escôlha de Witmarsum — afirmam Altiva Pilatti Balhana e Brasil Pinheiro Machado — deveu-se ao fato de “estar localizada na área, onde, em outra conjuntura, registrou-se uma experiência mal sucedida em núcleo colonial estabelecido também com alemães procedentes da Rússia, e porque a área já vinha sendo objeto de estudos geológicos, geomorfológicos e fitogeográficos, por uma equipe do Instituto de Geologia da Universidade Federal do Paraná. Assim, a estas disciplinas empenhadas no conhecimento da paisagem natural, foi somado o trabalho de pesquisadores das diferentes Ciências Sociais (historiador, sociólogo, economista, geógrafo, e outros), portanto, uma pesquisa pluridisciplinar, capaz de proporcionar visão global da comunidade e melhor compreensão dos problemas da região. A caracterização dos fatores condicionantes da vida econômica e social da área estudada, teve ainda o objetivo prático de oferecer subsídios para a solução dos seus problemas”.

A pesquisa abrangeu, além do histórico do povoamento da região e da fundação colônia e do estudo do meio natural, o estudo das estruturas demográfica, econômica, agrária e social e a organização religiosa e educacional. As considerações gerais e finais da pesquisa foram levantadas, analisadas e redigidas por Altiva Pilatti Balhana e Brasil Pinheiro Machado, diretores do Projeto, objetivando a solução dos problemas propostos no início da investigação. A unidade da obra, finalmente, foi assegurada por um plano geral bem amadurecido e pelas diretrizes aceitas por todos os colaboradores. “Witmarsum — lembra Bento Munhoz da Rocha Neto, no prefácio que escreveu para o livro dos professores paranaenses — é um exemplo que pode ser seguido. É um próspero jardim plantado em áreas já taxadas de impróprias para a imigração. A colonização de alemães do Volga e de russos, no século passado, desacreditou, como observa a monografia, nossos Campos Gerais. Os menonitas prosperaram. A época é outra. A herança é outra. A integração econômica é completa. Witmarsum deve servir de exemplo, como Castrolândia e Entre-Rios, no caminho da valorização de uma vasta região pa-

ranaense”. E adiante, citando ainda o ex-governador do Paraná: “A colonização de Witmarsum como a de Entre Rios em Guarapuava e a de Castro, no início dos anos 50, continuam a tradição paranaense do século XIX. Os europeus dos oitocentos que se espalharam pelos planaltos frios do Paraná, hoje se fazem representar em tôdas as atividades humanas, da política às cátedras universitárias. Neste século, os ítalo-gaúchos e teuto-gaúchos, diretamente ou por intermédio de seus descendentes catarinenses, deslocando-se em massa para o Sudoeste e Oeste, tendem a fazer manter em nosso Estado, as mesmas características sócio-culturais do século passado. Possuem um comportamento orientado para o desenvolvimento. Lidam com a economia, sabendo construir o próprio destino. Sabem progredir. Sabem crescer. O *rush* dos anos 50 da onda cafeeira, engrossando uma tendência já antiga, veio trazer nôvo sentido à nossa estrutura econômica. Veio liderada por elites tradicionais de fluminenses, mineiros e paulistas, que tinham café no sangue e faziam suas plantações com devoção ritual. Na crista da onda cafeeira, aportam ao Paraná, multidões de nordestinos que abastecem todos os mercados nacionais de trabalho. As elites se dissolveram e os pequenos sitiantes acabaram por predominar no conjunto. O pioneirismo, individualista, independente, corajoso, anti-rotineiro e anti-burocrático, ainda mais se expande. Sua ênfase verdadeiramente agressiva ao comportamento econômico, já bem profundo mas muito mais calmo e seguro, das áreas de imigração européia. A ausência de uma estratificação da classe rural nas áreas convencionais da paisagem paranaense e o alto grau cultural e competitivo da imigração, européia no comêço do século e nacional em seguida na maioria das regiões do Estado, trouxe ao Paraná uma mobilidade social que, acredito, tenha sido a maior em todo o Brasil. Todos podem ter tudo. Podem aspirar a tudo. Não encontram barreiras. Não enxergam obstáculos intransponíveis, realizando aqui o clima brasileiro mais propício para o desenvolvimento econômico e para a afirmação democrática. Estou certo de que em nenhuma outra área brasileira existam tão poucos privilégios e a vida social seja, em tão alto grau, competitiva. A capacidade de empresa, o sistema educativo com a tradicional obrigação dos pais de transmitir aos filhos todos os conhecimentos possíveis; o impulso ao trabalho e às iniciativas de ordem econômica como uma norma irresistível, deram às populações paranaenses um comportamento da mais alta compatibilidade com o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, o sentimento da igualdade democrática em que a livre competição, freqüentemente áspera, é a grande lei”.

Excusas por tão longa citação. Mas, sinceramente, não sabíamos onde interromper a transcrição, tão válidas nos parecem as afirmações do ilustre homem de Estado, notadamente por chamarem a atenção para tudo o que há de interessante do ponto de vista humano a ser estudado na terra paranaense. E os colegas da Universidade Federal do Paraná já nos ofereceram excelentes primícias do que podem significar tais estudos. Ainda em um dos números anteriores desta publicação ressaltávamos o precioso trabalho que professores paranaenses, ligados às diversas Faculdades de Filosofia do Estado, estão realizando no sentido do levantamento das fontes primárias, salvando-se um valioso patrimônio sem o qual a história não poderá ser feita. Lembramo-nos de Pierre Monbeig e de Jacques Lambert quando, quase com as mesmas palavras, referiam-se à “individualidade” do Paraná. Dêste último ou-

vimos mesmo afirmar que, na sua opinião, o Paraná constituía a unidade do Brasil mais interessante para ser estudada. Certamente, entre outras coisas, por tudo aquilo que Munhoz da Rocha Neto debuxou na longa transcrição que fizemos. Louvores, pois, aos professôres do Departamento de História de Curitiba por estarem começando a “descobrir” o “paraíso terrestre” do velho Saint-Hilaire.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

*

BAER (Werner). — *A indústria brasileira do aço face ao desenvolvimento econômico geral*. 1969. Vanderbilt University Press. XIV + 202 págs. 52 tabelas. US\$ 10,00.

Ultrapassando a noção de que o desenvolvimento econômico deve limitar-se aos recursos da agricultura e/ou à indústria leve, o Brasil experimentou no pós-guerra uma expansão significativa baseada largamente no notável crescimento de sua indústria pesada. As razões do sucesso da indústria de primeira linha, do aço, na América Latina, são detalhadas no livro *O Desenvolvimento da indústria do aço brasileira* por Werner Baer, publicado em dezembro de 1969.

Nesse trabalho o Professor Baer cobre todos os aspectos da indústria, desde a introdução de artefatos de aço no Brasil, por volta de 1550, até os custosos métodos modernos e projeção econômica para a década de 1970. A maior parte do material estatístico (sobre custo do investimento e custo de produção, particularmente) foi desenvolvida pelo autor no decurso de sua pesquisa e pode ser aproveitada em qualquer parte.

A indústria brasileira do aço foi favorecida pela riqueza dos recursos naturais, incluindo as terceiras maiores reservas de ferro do mundo e 80% dos depósitos de manganês da América Latina, política governamental liberal, desenvolvida pelo Presidente Getúlio Vargas, permitindo formas alternadas de investimento (estrangeiro, doméstico-privado e governamental).

Uma tecnologia comparativamente moderna, rápido aperfeiçoamento da força de trabalho técnico, e uma integração efetiva da indústria com o resto da economia, contribuíram para o desenvolvimento geral da indústria do aço brasileira. O Professor Baer prevê progresso contínuo para a indústria baseado em análise estatística cuidadosa e detalhada do impacto da indústria em toda a economia brasileira, produtividade e padrão industrial, e na expansão da demanda interna dos produtos de aço. Ele “não vê razões para que o Brasil não possa estar apto a exportar entre 10 e 15 por cento de sua reserva de aço no correr da década de 70” — por preços competitivos no mercado mundial.

Werner Baer completou a maior parte de sua pesquisa quando esteve no Brasil, no período de 1965-1968, como bolsista do *Social Science Research Council*. Professor de economia na Universidade Vanderbilt, o Dr. Baer trabalhou como Professor-Visitante na Universidade de São Paulo e na Fundação Getúlio Vargas. Exerceu, também, atividades no desenvolvimento dos programas de graduação em